

Intervenção de Hélder Jorge Pinheiro Pita

**Contributos para a História da Engenharia Portuguesa –
Os Engenheiros Técnicos**

Porto, 29 de Setembro de 2012

Caro Bastonário, amigo Augusto Guedes

Caros colegas de mesa

Caros Convidados

Caros Colegas

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É com imensa satisfação com um enorme orgulho na nossa classe profissional que saúdo os presentes nesta sessão de comemoração dos 160 anos da classe dos Engenheiros Técnicos, onde serão lançados 2 livros da autoria de Engenheiros Técnicos, distribuídos os primeiros diplomas de Engenheiro Técnico Especialista e de Engenheiro Técnico Sénior e atribuídas as medalhas de mérito que atestam o nosso reconhecimento

técnico-profissional de colegas que se têm destacado na actividade de fazer engenharia.

Cabe-me a mim fazer a apresentação do livro “Contributos para a História da Engenharia Portuguesa – Os Engenheiros Técnicos” da autoria do nosso bastonário o colega Augusto Guedes. Este livro percorre um período da história recente da engenharia portuguesa. Inicia o seu relato cronológico em 1852 (há 160 anos portanto) data em que foram criadas os primeiros estabelecimentos de ensino médio técnico em Lisboa e Porto e de ensino agrícola em Lisboa, Porto e Viseu (este último, o de Viseu, mais tarde transferido para Coimbra), todos criados por Decreto Régio do governo da altura presidido pelo Duque de Saldanha, sendo ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria Fontes Pereira de Melo. Termina o seu relato em 2011, ano especialmente importante para a classe dos Engenheiros Técnicos que viram ser reconhecido o seu mérito técnico-profissional consumado na transformação da ANET, associação de pública criada em 1999, na Ordem dos Engenheiros Técnicos.

A leitura deste livro transporta-nos para um passado de luta constante de uma classe profissional que sem nunca se conformar com a situação subalterna que lhe era imposta, sem nunca se vergar a interesses corporativos, soube, militando nas diferentes associações que foram sendo criadas, entre outras,

Associação de Condutores de Obras Públicas em 1865, Grémio Técnico Português 1917, Associação de Regentes Agrícolas 1933, Associação Profissional dos Engenheiros Técnicos (mais tarde Associação Portuguesa dos Engenheiros Técnicos) – 1978 e mais recentemente a ANET e a Ordem dos Engenheiros Técnicos – soube, dizia eu, fruto da afirmação da classe dos Engenheiros Técnicos no seu todo, e da forma empenhada, competente, qualificada com que cada um deles exerceu e exerce diariamente a sua actividade profissional libertar-se desta tutela, vindo consagrado em 1967 pelo Decreto 47723 de 20 de Maio a autonomia plena da sua profissão. Contudo, embora a lei lhe confira esta autonomia, houve sempre (e continua a existir, digo eu) a tentativa de manter subalternizada a nossa profissão independentemente dos projectos, das obras que vamos realizando, muitas delas de grande complexidade, como é o caso desta instalação onde nos encontramos, que teve no consórcio que a construiu uma empresa liderada por um Engenheiro Técnico – o colega Alberto Mesquita aqui presente.

Por outro lado, este livro permite-nos também verificar a forma como os Engenheiros Técnicos foram tratados pela sociedade portuguesa, fortemente elitista, nestes 160 anos através de uma análise da evolução do título profissional dos membros desta classe. Em 1853 é atribuído aos diplomados dos primeiros

estabelecimentos de ensino técnico médio o título de Conductor de Obra e, mais tarde, o de Regente Agrícola aos diplomados das escolas de ensino médio agrícola. Em 1903, com a reforma das escolas do ensino médio industrial, passando a exigir-se como habilitação de acesso o 5º ano liceal, ou o curso complementar industrial e com a criação do curso Superior Industrial passou a ser atribuído o título de Engenheiro Industrial. Em 1911 com a criação do Instituto Superior Técnico e com o aparecimento de cursos de engenharia mais virados para o saber do que para o saber fazer, sobretudo reservado aos estudantes oriundos do sistema liceal (nessa altura composto quase em exclusivo pelo filhos da elite nacional), começa a tentativa de despromoção do título profissional até aí conferido aos membros da nossa classe. Em 1924 passámos a ser designados por Engenheiros Auxiliares e dois anos depois (1926) por agentes técnicos de engenharia, enquanto os diplomados das escolas universitárias ostentavam o título de engenheiro, tendo a sua Ordem Profissional sido criada em 1936. Em 1972 o ministro da Educação de então – Veiga Simão – anunciou, na posse do 1º reitor da Universidade do Minho, que os agentes técnicos podiam obter o título de Engenheiro Técnico mediante a realização de um curso universitário de aperfeiçoamento ou com base na prática profissional. Contudo, só após o 25 de Abril com a transformação dos Institutos Industriais em Institutos Superiores de Engenharia

e das Escolas agrícolas em Escolas superiores Agrárias é que podemos passar a utilizar, de pleno direito o título profissional de Engenheiro Técnico. Embora os títulos profissionais tenham uma importância relativa, esta evolução espelha na minha opinião e o livro disso dá nota, as tentativas constantes de reduzir a capacidade de intervenção da nossa classe nos actos de engenharia, em prol da defesa corporativa das classes dominantes.

Este livro desempenha ainda um outro papel, não menos importante. Constitui o registo publicado do acervo histórico destes 160 anos e será, seguramente, um contributo para a memória futura da classe dos engenheiros técnicos. Nas suas páginas estão impressos documentos de grande valor para entender a nossa classe e as suas lutas. E se é verdade que os documentos mais recentes caracterizam a luta titânica que tivemos de travar para conseguirmos que nos fosse reconhecido o direito de nos organizarmos, primeiro numa associação pública e depois numa Ordem profissional, não é menos verdade que os documentos mais antigos demonstram as conquistas que fomos capazes de conseguir. Permitam-me que vos refira a transcrição das audições na Comissão Parlamentar do Trabalho da Segurança Social e da Administração Pública feitas á Ordem dos Engenheiros e à Associação Nacional dos Engenheiros

Técnicos, a quando da discussão do projecto de LEI 475/XII que viria a ser aprovado publicando os estatutos da OET, onde se pode perceber de uma forma muito clara a posição das duas direcções das duas classes que praticam engenharia em Portugal e onde ainda hoje as ideias que aqui vos pretendo transmitir continuam patentes. Veja-se, como um mero exemplo, a decisão da Assembleia Geral do Conselho Nacional das Ordens Profissionais (atente-se no nome das Ordens Profissionais) realizada na semana passada de não admitir no seu seio a nossa ordem alegando que a área de Engenharia já estava representada por um dos seus fundadores. Sem comentários.

De tudo isto e de muito mais trata este livro.

Por fim, algumas palavras sobre o autor. Sobre o autor, de quem sou amigo há mais de 30 anos e com quem tenho partilhado, sobretudo nos últimos anos, algumas aventuras, gostaria de salientar que, como resulta da leitura deste livro, a sua actividade associativa nos últimos 25 anos se confunde com a história dos Engenheiros Técnicos. A sua visão astuta, muitas vezes pouco compreendida pelos seus pares, a teimosia, o discurso assertivo, duro e crítico, como se constata nas duas entrevistas aqui publicadas, o atrevimento de elaborar propostas por muitos julgadas pouco exequíveis ou mesmo utópicas, a sua mestria estratégica são seguramente uma das principais razões

de termos conseguido chegar a onde chegámos e fazem dele uma autoridade na história da classe dos Engenheiros Técnicos e o autor natural desta publicação. Contudo, gostaria de lhe deixar aqui dois desafios que penso serem um complemento a este livro. Desafio-o a começar já a trabalhar numa segunda edição deste livro integrando outros documentos que eu sei que lhe foram chegando, mas sobretudo contextualizando a narrativa cronológica dentro dos aspectos do desenvolvimento social e económico da altura em que aconteceram. Esta contextualização histórica permitirá, ainda, uma mais profunda compreensão de todo o nosso passado. E que encontre forma de constituir uma equipa que elabore uma publicação sobre os diferentes membros da nossa classe que realizaram, e eu sei que foram muitos, projectos e obras fundamentais no desenvolvimento do nosso país e quiçá em outros países espalhados por esse mundo. Publicar a história profissional destes colegas, tirá-los do anonimato, é, seguramente, dar um enorme contributo para o afirmar da nossa classe, tendo por base não só a complexidade das obras realizadas mas, também, a mestria do trabalho que produziram.

Termino agradecendo a todos os presentes a paciência que tiveram para me escutar, querendo acreditar que espicacei a vossa curiosidade para consultarem e lerem este livro, estando

certo que da sua leitura resultará para todos uma visão mais esclarecida e bastante diferente daquela que vai sendo propalada em alguns areópagos sobre quem foram e são os Engenheiros Técnicos.

Muito Obrigado pela vossa atenção